



ZENOUR — A Zeyneb famosa heroína das «Desenchantés» de Pierre Loti, autora do conto turco que a «Ilustração Portuguesa» insere

N.º 351 Lisboa, 11 de Novembro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Ano, 4800 — Semestre, 2500 — Trimestre, 1300

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Diretor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-  
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 13

# A MULTIDÃO VISTA PELOS RAIOS X



Interiormente, para se preservar dos resfriamentos  
e do rheumatismo, toda a gente usa . . .

As roupas **INTERIORES HYGIENICAS**  
em lâ e Uata de Turba

do **Doutôr RASUREL**  
preservam dos **RESFRIAMENTOS**  
e do **RHEUMATISMO**

Casa PITTA, 195 Augusta 197, LISBOA.

# A GUERRA NOS BALKANS



1

N'esta guerra, em que os montenegrinos foram os primeiros a tomar a ofensiva contra os turcos, o maior papel até agora tem cabido aos bulgaros. Vito-

rias sucessivas assinalam este conflito em que as armas da Sublime Porta, durante tanto tempo vitoriosas, são rechaçadas.

O general montenegrino



2

4—O coronel turco Alix Bey saindo do quartel general do principe do Montenegro que, apesar da sua qualidade de prisioneiro, lhe consentiu que guardasse a sua espada.—(Clichés Archives du Miroir)

2—A artilharia turca passando nas ruas de Constantinopla em direção ao teatro da guerra



1—São tantos os feridos na guerra que se requisitaram os carros de bois dos aldeãos para o seu transporte.



2—O Dastião de Kirk Kilisse depois do bombardeamento, vendo-se o efeito dos obuzes na muralha (Clichés Archives du Miroir)



A vista Interior do forte de Chipchenik onde se deu o celebre ataque á baloneta e pelo qual ficaram prisioneiros os turcos, avançando os montenegrinos para a conquista de Scutari.  
(Cliché Archives du Miroir.)

Vitovich, com um punhado de bravos, que nas vésperas ainda andavam cavando os seus campos, bate-as em Dietich. A prova é rude, mas, ao cabo de quatro dias de bombardeamento, a colossal fortaleza fronteiriça torna-se n'um montão de ruínas negras que os soldados do rei Nicolau hoje guardam com os prisioneiros turcos internados em Podgoritza.

Tempo depois tomaram Tousi; telegramas alarmantes diziam ter ficado prisioneiro o príncipe Danilo, quando exatamente era ele quem aprisionava o coronel turco Alix Bey, a quem ge-



1

nerosamente consentiu que guardasse a sua espada.

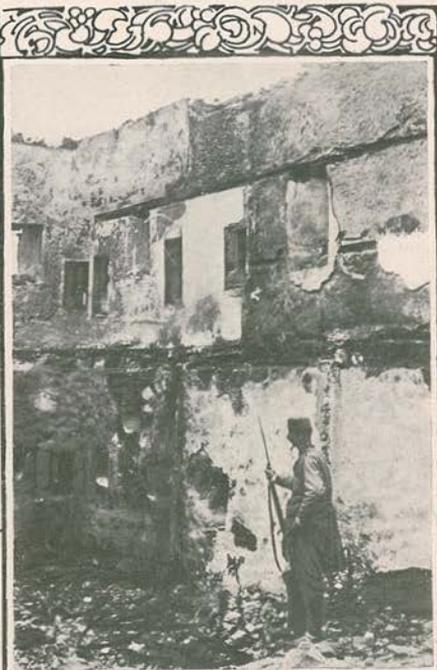
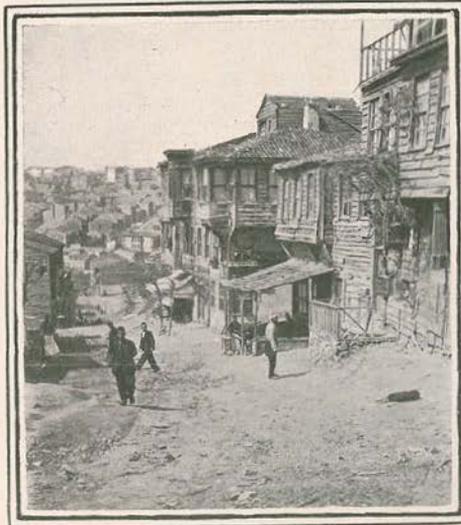
Essas tropas avançam para Scutari com o intuito de se aproximarem da fronteira da Macedônia, o pomo de discordia, o paiz subjugado que desejam tornar livre como, pouco a pouco, com o auxilio russo, a Servia e a Bulgaria fugiram ao domínio dos turcos.

Por seu lado os bulgaros, saindo do seu territorio, procuram tambem aproximar-se da outra fronteira macedonica, emquanto os navios turcos bombardeavam o porto militar de Varna. Mas coisa a'guma de-



2

1—Os soldados gregos: Um «Palikaro» em grande uniforme. (Cliché Central Photos). 2—A infantaria bulgara em uniforme de campanha. (Cliché des Archives du Miroir).



- 1—Um trecho de Andrinopla sobre que convergiram os búlgaros. (Cliché Chusseau Flavens)
- 2—O forte de Detchitch tomado pelos montenegrinos ao fim de 4 dias de bombardeio.
- 3—O forte de Chipchenk, em Vrania, tomado bravamente pelos montenegrinos. Um aspecto dos baluartes depois da vitória (Cliché Archives du Miroir.)



donia terá, talvez, dentro em pouco, a autonomia igual á outr'ora concedida á Rumelia bulgara, hoje reino, após tantas vicissitudes.

Não ha duvida que as vantagens até agora tem sido todas para os aliados, com grande pasmo da Europa, que não sentia os successivos enfraquecimentos do exercito turco. Dentro em pouco, porém, dizia ha dias o ministro da guerra turco a um jornalista francez, mudarão as faces do acontecimentos, porque da Asia chegarão as legiões poderosas, os ferozes soldados hoje armados á moderna e que decidirão da victoria.

Ao mesmo tempo uma alta personalidade turca accusava a Russia de favorecer e mesmo de ordenar o avanço dos pequenos Estados balkanicos, sem o quê eles jámais se teriam atrevido a essa acção simultanea e audaciosa contra a Turquia. Evocando a historia marcou como sempre procedeu assim libertando a Servia do seu dominio, dando força ao Montenegro para deixar de pagar o tributo que, como a Roumania, devia á Sublime Porta.

(Clichés du Miroir)



1

teve essa avalanche, levada pela voz dos seus padres á guerra santa da Cruz contra o Crescente. E' o seu fim e, para o conseguir, foram-se batendo em Kirk-Kilisse, primeiro sem vantagens, depois obrigando os turcos a renderem-se.

Os gregos fizeram ao mar a sua esquadra e tomaram logo a ilha de Lemnos, vindo por todo o mar Egeu bravamente. Serão eles que chegarão em frente de Sa'onica, ficando assim a Macedonia — dada a victoria dos coligados — em poder das quatro potencias.

As tropas servias, ainda frescas, serão um grande auxilio aos exercitos que se conjuam com o fim de se apoderarem de Salonica.

A cavalaria bulgara, depois do choche de Mustaphá, que a derrotou mesmo sob as vistas do seu rei que chorava amargamente, reorganizou-se e em *raids* audaciosos, conseguiu desbaratar os inimigos e perseguir os foragidos de Uskub. Os soldados turcos occupam Monastir receosos dos gregos, enquanto a veloz cavalaria servia

avança sobre Salonica como um furacão. E' o cerco em regra e, sem uma rapida acção turca a Mace-



2

1—o generalissimo turco Mutkar Pachá. (Cliché Delius)  
2—o automovel metralhadora em que o generalissimo Mutkar Pachá percorre os campos das operações.

Mas a evocação é maior quando se refere á colocação no trono bulgaro do primo do czar Alexandre de Battenberg, de tão triste memoria, fincado á força sobre o trono que devia abandonar, apesar de toda a coragem, de toda a ancia e todo o sangue derramado pelo ditador Stambulof.

O grande funcionario turco falou de todo o desenvolvimento da Bulgaria no reinado de Fernando I, chamada ainda pelo ditadore tornando-se por fim um ambicioso, querendo talhar á larga como um verdadeiro Coburgo com ancestralidade da casa d'Orleans.

Mas—no final, o turco—disse estas palavras cheias de fé:

—A Turquia não falece; não pôde ser vencida.

Mas portoda a parte, nas terras conquistadas, sobretudo na Albania, os povos se revoltam e se oferecem em massa aos inimigos dos turcos. As

represalias d'estes são ferozes, buscando manter a todo o custo o seu predominio, sentindo que ao contarem mais esta victoria os seus

inimigos de sempre ter-lheão dado um grande, um bem profundo golpe.

A Russia, limitando com as suas tropas a fronteira do Caucaso, completaria a obra diante da Europa indifferente, deixando que a Italia

lhe levasse a Tripolitana e consentindo esta guerra que Loti considera uma luta desleal de chacaes contra um leão enfraquecido.

O apelo feito aos musulmanos do Oriente é tambem um gesto platonico. O mais que d'aí poderá vir serão auxilios monetarios, de pouca importancia ainda assim, diante das fabulosas quantias que a Turquia está dispendendo e que vão exaurindo dia a dia os seus tesouros.

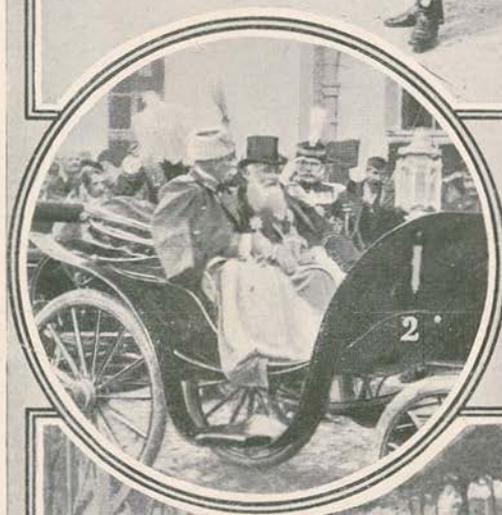
Ao lado dos musulmanos do Oriente os egípcios erguem-se contra os estrangeiros n'um alarde mais religioso do que politico, mas as suas pobres vozes serão abafadas, como outra ora as suas rec amações, porque elles mesmos são

o edificante exemplo de que o direito vale muito menos que os solidos argumentos das suas baterias.



Um bom sorriso do czar dos vagon Fernando I sorri aos seus

bugaros. Da janela do seu seus vassallos. (Clíchê Chus-Flaviens)



A Turquia, mal ferida n'esta luta cruenta, pediu, ao que dizem os telegramas, a intervenção das nações para cessar a guerra que tantos prejuizos lhe tem causado. Os aliados vão avançando sempre e tem-se cada vez mais nitida a impressão d'esta passagem do artigo de Stephane Lauzanne diante dos comboios funebres turcos: São mortos que vão levados para a Asia afim de repousarem sempre em terra musulmana.



1—O general Nikiforof, ministro da guerra bulgaro saudando o exercito antes da guerra. 2—O rei Pedro I da Servia e o sr. Pašic presidente do conselho de ministros, aclamado á saída do Parlamento. 3—Os carros dos camponezes requisitados para servirem de viaturas militares.

# CONTO JURO DE ZEYNEB

Zeyneb, essa adorável heroína das «Desenchantés» de Loti, escreveu proposadamente para a ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA o conto sentimental e doloroso que, por intermédio do dr. Rousseau, um íntimo do autor da «Madame Christiane», do Pecheur d'Islande e d'outras obras primas nos foi entregue. Fazemos gostosamente a publicação da narrativa onde se passa magoadamente como uma íntima confissão feminina.

Do Caucaso, sua patria, a Stamboul Djénane fôra levada n'um sacco como uma gatinha roubada. Um grego negociante de escravos tomara-a n'uma aldeia á beira do mar e fôra sustentando a sua fome:ta de creança com codelas de pão duro e o seu dominio com a tolha da grande faca que mostrava aos seus lindos olhos aterrorisados.

Vendeu-a o grego a um grão senhor que a foi educando com sua filha, apesar da linda circassiana apenas amar a musica e as danças. Era querida pelo velho, amada loucamente pela sua companheira. Os tres filhos do poderoso pachá não viam com bons olhos a escrava mantida como da sua equalha. Tambem quando seu pae morreu chamaram Djénane, mostraram-lhe um man-

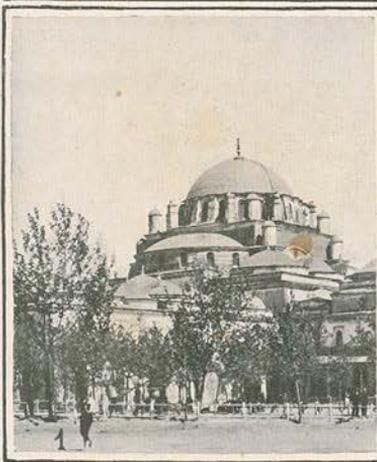
cebo ricamente vestido e disseram-lhe que era o seu noivo. Partiu com ele; viajaram n'um grande navio, chegaram a Smyrna sem que ele tivesse sequer aflorado com os labios a sua linda mãosita de creança.

Na c'dade um comboio especiala aguardava; os escravos inclinavam-se, um indetente grave, de fisionomia severa, conduziu-a ao wagon engrinaldado e a cuja portinhola o noivo se despedia com um vago sorriso como a dizer-lhe que breve a veria novamente.

O comboio galgou uma região de grandes arvores perfumadas, campos de lotus,



1—Zeyneb. 2—O Bosforo.



1 — A Mesquita do sultão Beyasid em Constantinopla.  
2 — Entrada do Mar Negro.  
3 — No cemitério turco.

extensões de papoulas e iris, bosques d'oliveiras, vinhedos e campinas. Quando parou, ao cabo da travessia, em Aidin mandaram-na subir para um caleche e entrou dentro em pouco n'uma grande casa onde escravas negras a levaram até ao seu quarto. Estava fatigada da jornada; caíra a noite e Djénane lassa, quebrantada, ia perguntando á escrava que lhe oferecia a comi-

da se o seu noivo chegara ao mesmo tempo do que ela. A mulher olhou-a pasmada; as outras a quem se dir'giu fizeram o mesmo, até que uma velha lhe disse a verdade. Ela era uma escrava como as outras; fôra vendida e estava ali para regalo d'um grão senhor. Não passava d'uma odalisca.

Os seus lindos olhos fixaram as grandes janelas, viu debaixo d'elas um precipício. Pensou em se atirar d'ali, liquidar, morrer. Mas as outras escravas vigiavam-na. O velho negociante d'Aidin, o seu senhor, previra tudo como bom homem de negocios que não queria perder uma escrava do preço de mil libras d'ouro.

Passou assim a sua primeira noite.

Aquele homem de setenta e cinco anos feio, calvo, de pele engelhada, os bigodes pendentes aos cantos da sua boca murcha, d'olhos pardos e maus, desejou-a loucamente. Foi uma paixão de todas as ho-

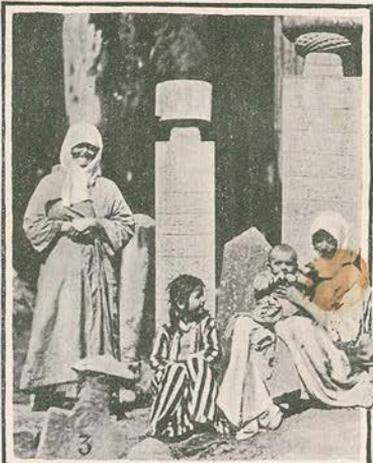
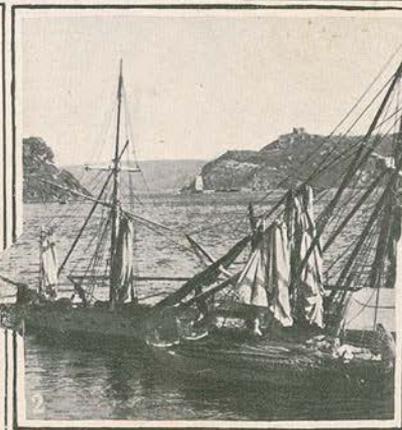
ras por aquela amante infantil caída á força no seu leito. Adorava-a. Enchia-a de joias, d'ouro, de pedrarias raras e ás vezes aos pés da escrava havia perolas abandonadas ainda assim menos brilhantes que as lagrimas dos seus formosos olhos. O tempo passava; correram dois anos. Djénane tornava-se caprichosa e dias havia em que o sol vinha encontrar o velho mercador chorando, de rastos diante da porta da alcova fechada. Depois ela entrou a enlanguescer, a definharse; parecia que ia morrer. Teve medo de a perder; teve medo de a deixar.

Um medico francez foi chamado para a vêr; da sua boca implacavel saiu o dilema: Ou viagens, distrações, mudança ou a morte...

Com um soluço o velho apaixonado decidia-se. Iria para Cordelia, a uma hora de Smyrna, á borda do mar.

Despediu-se d'ela a chorar, a pedir-lhe perdão das suas violencias, a dizer adoidado que a amava, a agarrar-lhe as mãos, a solucar juramentos de a adorar sempre; e beijar de rastos os seus pés de cativa.

Em Cordelia, diante da agua tranquilla, ela ia ganhando forças; parecia-lhe o seu senhor um mau sonho e ia falando com o medico francez, que a



acompanhara, de cousas muito tristes, metidos ambos n'um bosquesito onde vinham lufadas do cheiro acre das algas do mar e sopros suaves dos jasmims do jardim. Dizia-lhe toda a sua vida desde a hora em que a tinham levado no saco como a uma gat'inha roubada até á noite terrível em que fôra babujada pelos beijos do velho.

—E tem apenas dezessete anos—... murmurou ele.

D'esse momento em diante não se olharam já com a mesma franqueza, surpreendiam-se por vezes a espreitarem-se, calados, diante do mar largo onde as estrelas se refletiam. O tempo passava; o senhor, de longe, chamava-a e ela, pobre escrava, tremia á idéa d'esse contato novamente e sorria apesarosa ao pensar que ele a amava. Queria então ouvir historia da França, da terra d'ele, em que as mulheres eram livres de se dar a quem amavam. Quando falavam n'isso córavam sob o olhar vigilante do negro eunuco Arslam, que não os deixara mais.

Parecia agora renascer a linda Djénane; tornava-se mais formosa n'essa alvorada d'amôr, porque eles amavam-se, e ela entrava a ter caprichos que o medico, louco pela sua infantilidade amorosa, lhe satisfazia. Uma vez quiz ir a Smyrna, vêr a sua casa, o seu consultor o e andou mechendo em tudo, nos bocaes, nos frascos, como uma pequenita curiosa. N'esse dia teve o seu primeiro almoço á européa e diante do chá perfumado, do pão loiro, dizia com uma ternura infinita nos olhos: «Se pudesse ser sempre assim... Como seríamos excelentes amigos.»

Ele pensava então em a levar consigo, em a raptar e ir viver com essa circassi'na acreançada n'um cantinho verde da Provença, isolada, longe das cidades, longe do mundo. Deliberou dizer-lhe tudo um dia, pedir-lhe que fugisse. Foi á beira do mar, enquanto tomavam o café á turca. O escravo negro não os vigiava. Djénane disse-lhe então que ia partir, que o velho a chamava e ele, n'um desespero, n'uma anciedade, a soluçar, disse-lhe todo o seu

amor. Os belos olhos da escrava volveram-se para os seus, da sua boca vermelha saíram então estas palavras:

«Eu amo-te mais do que a vida. Nunca deixarei de te amar. Mas sou uma escrava; não me pertences. Sou d'esse homem como um objeto. Custei mil libras de ouro... Depois ele ama-me. Só me tem a mim e morreria se eu lhe fugisse... Sei que me amas, mas não devo fazer-te infeliz... E's novo, tens direito á felicidade...»

—Tambem tu... disse do cimento.

—Julgo cumprir o meu dever...

Falaram muito do seu amor, metidos no

quarto d'ela, misturando lagrimas com caricias.

Depois viajou; foi a Stambul vêr sua irmã adotiva—a filha do seu primeiro senhor e quando regressou a Smyrna foi ao lado do seu amado que passou o tempo até á tarde. Quiz então fazer-lhe um grande sacrificio; deixar-lhe o seu retrato. Bem sabia quanto era grave para uma mussulmana essa idéa, quanto lhe podia custar esse capricho. Mas entrou no photographo da rua Franque, retratou-se, sem vêr e sorrindo. Na hora da partida, antes de o



Zeyneb

deixar para sempre, chorava loucamente. A' noite es'ava de novo nos braços do velho que soluçava de prazer, achando-a mais linda, devorando-a de beijos.

Oito dias mais tarde viu-o na sua frente irado; os olhos fuzilantes de colera, a voz tomada de rancores. Na mão um pacote de fotografias que o eunuco negro trouxera ao seu senhor n'uma traição. Era o seu retrato sem véu; era o crime. As mãos brutas do mercador agarraram-na; foi arrastada pelos cabelos até ao quarto com ordem de não mais sair. Pregaram



en'um desespero jogou a sua escrava. Quando a perdeu, ergueu-se sufocado, levou as mãos á garganta e caiu como uma massa inerte. Antes de raiair o dia morreu. O grego quiz vêr Djénane e disse-lhe a verdade. Aprontou-se para partir como um cão atrás do dono quando o outro lhe disse que não era mussulmano e não a podia levar. Deixava-a livre; dava-lhe al'oria. Louca, aturrida de felicidade Djénane julgou um sonho o que se passava. A' tarde Mehemmed Ali, o sobrinho do velho, chegou. Herdava as escravas e as dividas de seu tio. Mas Djénane, ti-



grades nas suas janelas e vigiaram-na; durante dois anos e alguns mezes o senhor vinha para junto d'ela segurá-a com os seus beijos, tortural-a com as suas carícias. Ia novamente a definir-se. Por este tempo o velho levou-a para Cordelia, para a mesma casa onde fôra feliz ao lado do outro, do medico que deixara Smyrna n'um desespero. Voltaram quando veiu o inverno e recomeçou a sua vida de aborrecimentos e desesperos. O mercador arruinara-se mas da sua boca nem uma só palavra saiu. Uma tarde veiu um grego reclamar-lhe dinheiro

na pensado em tudo. Sacrificou-se inutilmente mais uma vez. Depois do enterro foi para Smyrna, vendeu as suas joias, pagou aos credores, recompensou as escravas e foi orar sobre o tumulo do velho, lançou o oiro ás mãos cheias para que a sua memoria não fosse maldita.

Quando reentrou em Cordelia levava apenas as suas vestes e um pouco de roupa. Tinha 25 anos e toda uma pesada vida atrás d'ela. A segunda parte da sua vida foi mais movimentada ainda, mas nada a admira porque era esse o seu Destino.

# Exposição Leal da Tamara

N'uma «brasserie» de Montparnasse, em plena metropole d'artistas, um grupo de consagrados amesendava. Aí estavam Ricardo Flores, vibratil e amoiriscado, D'Ostoga, ruivo e atletico, Poulbot, «le grand gosse» da arte.

—Alors, vous fichez le camp? mais, dites donc Camara? que fout-il là bas?

—Est-il senateur? Secretaire aux Beaux Arts?

—Peintre officiel de la Cour, pardon, de la Presidence?

—Bein? Affaires d'or, amour, honneur, gloire?



tor, o illustrador. Não sei onde o Padre Eterno caduca mais; se na rima de Guerra Junqueiro se no traço de Camara. Dizem que Junqueiro tem remorsos de ter assentado o Eterno na cadeira fôfa de dois braços, paralitico e com gôta. Que se pudesse, alçaria o pendão de Pedro Eremita e iria chamando as almas para a novena. Que projeta em passar umas pinceladas diafnas de gouache na Velhice.

Será tarde; a *Velhice* do futuro será esta onde o comentario do la-



da Camara ganhou e progrediu.

Vêde essa exposição que vos grita do Nacional como a trombeta de Iosaphat: A velhice do Padre Eterno.

E' o mesmo artista, mas n'uma nova forma. N'um paiz enciclopedico a decima cle é enciclopedico a valer. Caricaturista, quem não viu a galeria famosa dos reis, dos mecos, e das galerias? — desenhámos de mobiliario «na sua casa barata», paisagis:ta, e agora o pin-



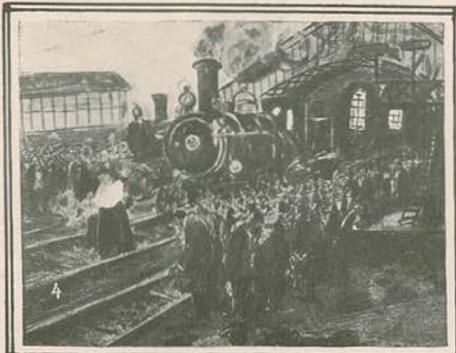
Não sabia, mas tudo é crível para um homem que passou os reis a sopapo, n'um paiz que os poz no olho da rua. Nada era, todavia, mais problematico, nem menos problematico — como diria Prudhomme.

Eu não sabia, e só quando cheguei a Portugal verifiquei que a Republica ainda não fizera de Leal da Camara o que os seus amigos de Paris entreviam.

Mas n'este repulamento que se sente na vida portugueza, Leal

pis retoucou o sarcasmo da frase. A satira ampliou-se; n'um paiz de iletrados poucos a liam; poucos a conheciam; n'um paiz de iletrados é preciso dar a ler sem letras; foi o que Leal da Camara fez. O dr. Afonso Costa tem, quanto ás suas leis laicisadoras, em Leal, o mais restimoso auxiliar.

A *Velhice*, sim, sim, deve agora entrar na multidão. Uma boa risada é bem mais contundente que um comicio ou uma missão de pro-



1—Leal da Camara com o chefe do Estado na exposição.  
2—«Como se faz um monstro...»

3—«Da vinha do Senhor», adquirido pelo sr. presidente da Republica.

4—«A benção da locomotiva».

paganda pelas montanhas. Deem-se á aldeia estes cartões de Leal e a aldeia aparecerá em breve Jacobina; mandaram-lhe Pombal nas notas de banco; de balde; ela não tinha relações com a bela cabeça empoadada do marquez. Mandem-lhe, nas mesmas notas, o Papão de Junqueiro interpretado por Leal; acolhel-o ha o padre que é pensionista e o que onão é; as almas devotas far-lhe-hão figas e ajoelharão diante d'ele. Ele comprará e corromperá as almas; o dinheiro estará então no seu verdadeiro papel: prevertedor.

Mas Leal da Camara não comentou apenas com boa facecia os ditirambos de Junqueiro: algumas illustrações são uma apostilha, mas outras são um pedaço d'arte — em si.

O Presbiterio é uma ecloga em côr, tão cantante e melodiosa como a taria Sezanne.

...ão has-de me dar um grande pregador! um desenho, sadio, provincial, que me lembra a forte Bretanha de Cottel.

A benção da locomotiva é talvez o trabalho de mais extensão de Leal da Camara; tudo ali aparece vigoroso, amplo e no justo valor, n'uma tecnica nova, diferente de todas as tecnicas: os metaes,

os reflexos, a multidão apinhada, os rails que vão cilhar a bola da terra.

O Deus nos salões de St. Germain é cruel, é melodramatico, sem que todavia o tenha a recomendar o lapis quente e trulculento do: *Olhae, vêle-os passar em legiões escuras.*

Os funambulos da cruz é tambem uma das composições mais resolutas e picturais; ha ali movimento, *muchedumbre*, meio, pintura emfim.

As illustrações mais arrojadas são aquelas que mais se prendem com o pensamento de Junqueiro. Junqueiro e Leal ai completam-se. Fantasiar em literatura um sacerdote a rachar um astro ou a depural-o no laboratorio é menos difficil que encontrar a linha substantiva da cara mais anonima do Martinho; realisal-na imagem deve ser tão complexo como o elaborar d'um capitulo do famoso «L'Unité de l'être».

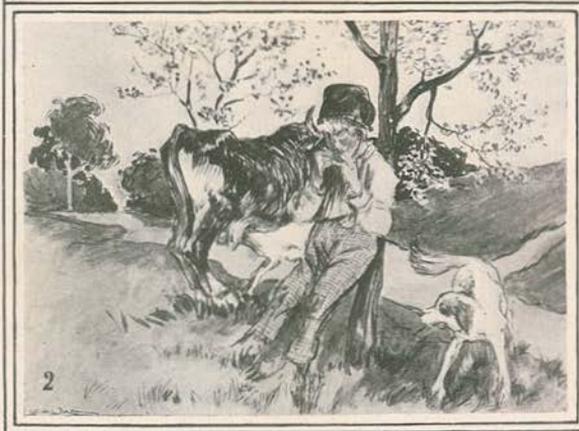
Um bufalo ás cornadas á aurora, é outro habilitoso in-

strumento de Leal, no fundo angustioso e elementar como o ovo de Colombo.

Existiu n'outros tempos uma vinha piedosa, Regada pela sol da alma de Jesus, é mais que uma concção d'artista, uma reconstituição de Cuvier. Esse Cristo de



1—Um mendigo demente e coberto de chagas



2—Ele era n'esse tempo uma creança loura



1—«A hídra». Adquirido pelo sr. João Chagas

mãos abrazadas não é a doce figura que a Edade Media nos deu e a burguezia nos aburgueizou; não é um Cristo da teologia é um Cristo da paleontologia.

Aqui Leal largou Junqueiro e foi tão longe, tão estranhamente enfarpe'ou Jesus, que o poeta arregalará os olhos.

O lapis toca a blasfemia, n'um idealismo exaustivo, contraste estranho com a elegante firmeza do *Z'nir's Bar*, por exemplo. Mas o artista—vê-se—teimou em dar *uma alma de Jesus* e apresenta-nos essa creatura estranha, trespassada de luz, de ventre a arder como d'homem em cujas cavernas descessem um lampeão electrico.

Afóra estas exóticas creações, necessarias, segundo a idéa delirantemente vagabunda de Junqueiro, são paginas da vida real, que ali se vêem no Nacional, onde á experiencia *boulevardiere* se juntou a riqueza de tons do meio portuquez.

E é n'isto que a arte de L al ganhou n'esses mezes de Thebaida que levou no Campo Grande.

A luz aí é abundante e é formosa; ela lá corre para quem souber caçal-a. E' n'essa caça que Leal

da Camara ocupou as suas horas.

Mas diga-se: a Velhice foi um pretexto; o desenhador quiz dar, uma vez, o braço ao poeta. Em realidade nem Junqueiro precisava de Leal, nem Leal de Junqueiro.

As 71 illustrações foram adquiridas pelo museu do Porto; como se faz na Belgica para Felicien Reys, ou em França para Steinlen, ou Helben, o Porto vae fazel-o para Leal da Camara. E' justo, é consolador.

Fôra d'isto, a Velhice do Padre Et rno encontrou o seu iluminador: faltava-lhe isto para ser o missal das gerações, que vão medrar á sombra d'esta democracia juvenil e morgada. Lisboa, 31 outubro.

AQUILINO RIBEIRO.



2 Fantomas...



3—A sêsta do sr. abade.

## DISTRIBUIÇÃO DE PREMÍOS



## NA ESCOLA DE GUERRA

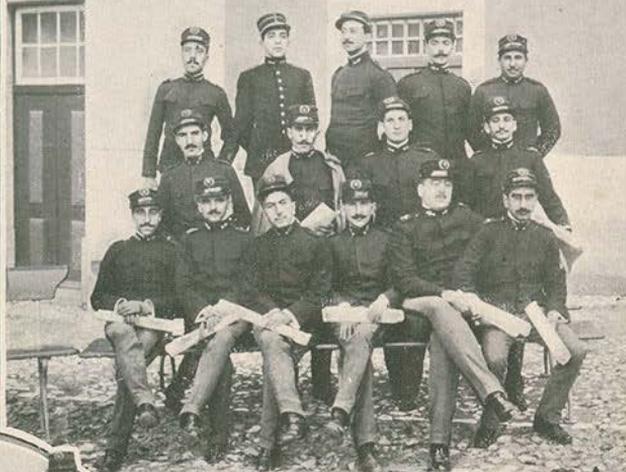


1—O chefe do Estado saindo da Escola de Guerra com o sr. ministro da Guerra e o diretor da Escola. 2—A entrada para a sessão solene. 3—A leitura da oração de «sapientia» pelo coronel sr. Vitoriano José César diante do chefe de Estado e do corpo docente do estabelecimento. (Kitchens de Benollet)

# OS NOVOS OFICIAES DO EXERCITO

No dia em que lhes foram entregues os diplomas na Escola de Guerra

Na Escola de Guerra realizou-se com toda a solenidade a entrega dos premios aos alunos má's distintos dos varios cursos e áqueles que mais se destacaram e acabaram agora os estudos devendo ingressar nos quadros das respetivas armas. O sr. Presidente da Republica assistiu ao ato com o ministro da guerra



1

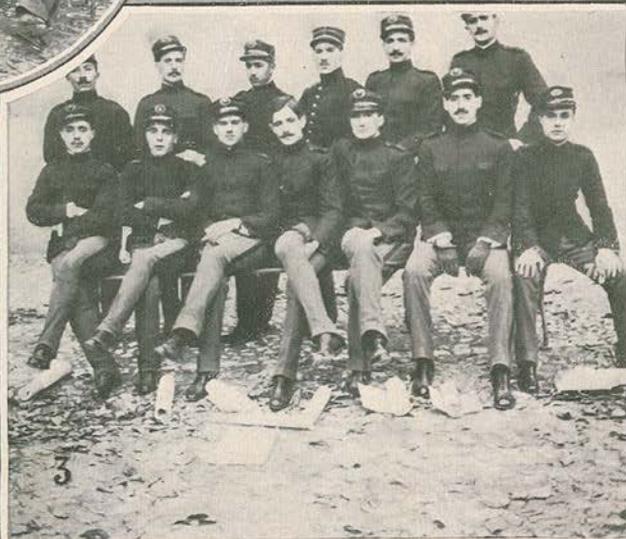


1—Os artilheiros. 2—Os novos officiaes de engenharia. 3—Novos officiaes de cavalaria.

(Clichés de Benoitel)

e grande numero de officiaes, tendo feito a oração de «sapientia» o illustre lente d'aquelle estabelecimento, o coronel sr. Victoriano José Cezar, cujos estudos historicos relativos ás invasões francezas lhe deram a bem merecida reputação.

Os primeiros premios couberam, em engenharia, ao aluno Cunha Leal, ar-



3



1—Os alunos que terminaram o curso da administração militar.

tilharia, 2.º ano, ao sr. Cabral Sacadura, infantaria 2.º ano, ao sr. Diamantino Amaral e o do 3.º ano de engenharia civil ao sr. Mario Serrão.



2—Os oficiais de infantaria. (Clichés de Benolle).

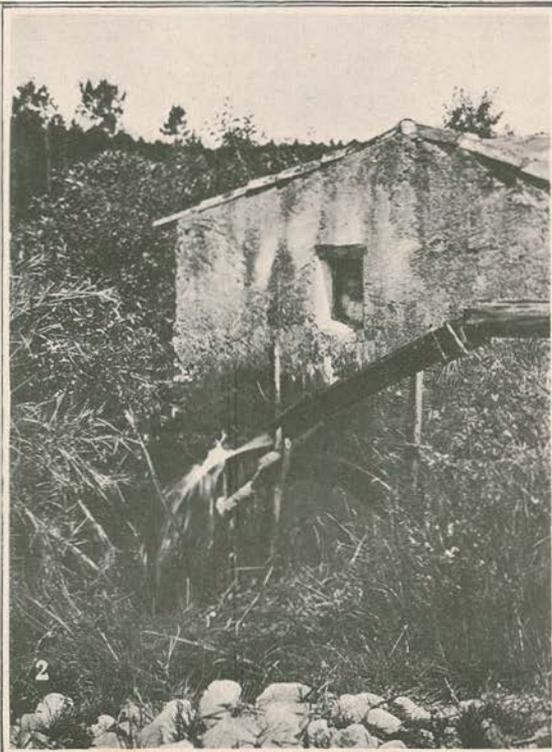
# EM VESPERA DE DESAPARECEREM

# MOINHOS E AZENHAS



O moinho é a máquina primitiva. O vento move no topo dos outeiros as suas velas brancas e do grão sae a mais branca farinha que empoeira os cabe'os das lindas moleirinhas e as suissas dos velhos moleiros que, de cachimbo na boca, olham as alturas, não vá o vento amainar.

Um velho moinho faz pena quando desmantelado, com os seus muros redondos, as suas janelitas, alguns ainda com uma cruz no cocuruto para afugentar



o diabo do ermo.

São coisas velhas mas sempre interessantes esses moinhos que se veem por todos os cerros de Portugal e a maioria dos quaes já não traba lham, desde que máquinas mais poderosas chegaram a apoderar-se do bom trigo loiro para fazerem rapidamente a farinha, como outras deviam chegar a substituir os braços dos amassadores na factura do pão.

A fabrica de moagem, com os seus engenhostri-

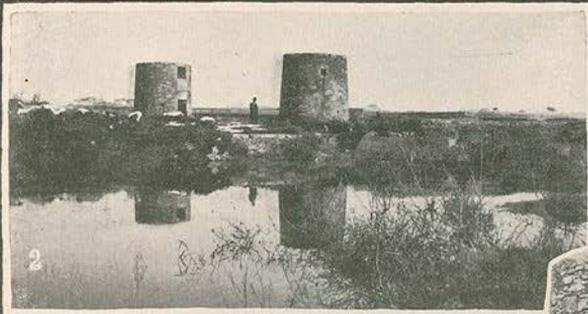
1—O moinho na andada. 2—A moleirinha espreitando

turadores, os seus capitães, as suas instalações modernas, quasi matou o moleiro, que ficou ainda um tempo no topo dos outeiros olhando as veredas por onde outr'ora os machos subiam com os sacos do grão no dorso e desciam com eles atochados de farinha.

Mas a freguezia foi rareando e o moleiro viu pouco a pouco, sobretudo nas imediações



1—Moinho movido a agua



largal-os com uma saudade profunda, n'uma abalada para a miséria que a todos alcançará, po que, dentro, em pouco esses lindos moinhos brancos, de velas alvas, rumorejantes e belos ao sol, no alto dos montes,

2—Moinhos á beira d'agua, na Povoia de Vazim. (Cliche do distinto amador sr. João Lopes Pereira).

das cidades, cair pedra a pedra o seu baluarte.

Muitos tiveram de os abandonar com desespero,



3—Restos d'um moinho de vento. 4—Conduzindo o milho para o moinho. (Cliches do distinto amador sr. João de Magalhães, da Marinha Grande).

não serão mais do que curiosidades, como as azenhas cantantes em cujas calhas a agua espadana na beira dos riachos.

# FIGURAS E FACTOS



1—Anacleto Nunes, o mais antigo agricultor da Zambezia. Fallecido em 30 de outubro com 80 anos de idade e 34 de residência ali. O velho com o seu bisneto ao colo.

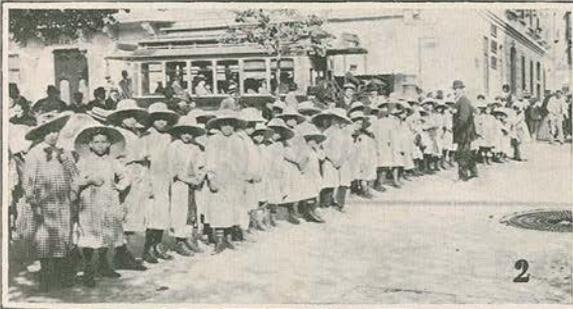


2—O capitão Antonio Vicente d'Abreu falecido em Lisboa. 3—Antonio Santos Silva, príncipe de Silves, falecido em Tavira em 28 d'Outubro.

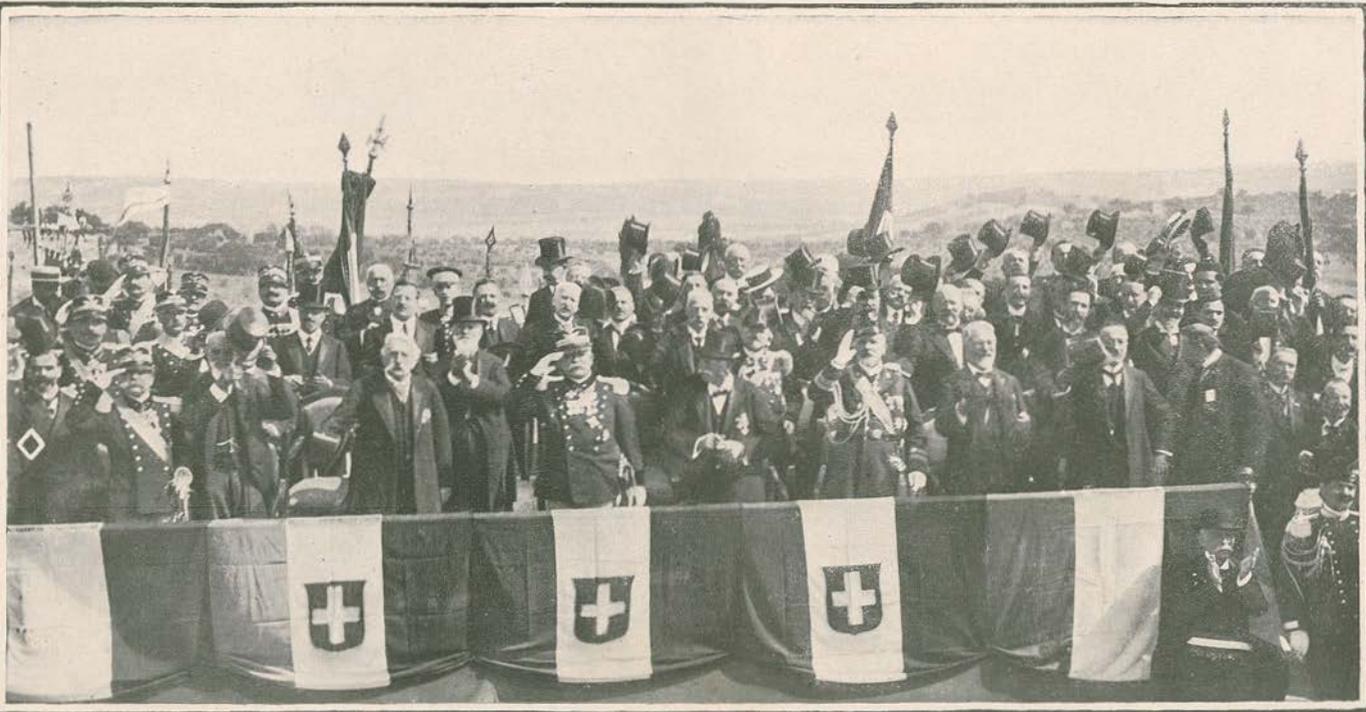


4—Manifestação à entrada da Guarda Republicana em Santarém, quando ali foram colocados os respetivos contingentes. (Cliché do amador sr. Pinto Bastos) 5—A praia d'Vila Nova de Milfontes próximo à barra da Mira: Grupo de banhistas. 6—Junto a barra, antes do banho. (Clichés de sr. Manuel Torrado)





1—O grupo de bandolinistas da guarda cívica de Lourenço Marques, no dia do 2.º aniversário da República; Sentados: srs. Manuel da Silva Guimarães, Francisco da Cruz, Augusto Cezar de Sá, Joaquim Borges, Adriano Guedes, Antonio Joaquim Silvano de Jesus, Augusto Rocha. De pé, os srs. José Gouveia, Antonio Maria Marcelino, Manuel Paredes, José Pinto, Augusto Santos, Manuel Rodrigues d'Almeida e José Luiz da Silva. 2—Algumas das crianças das escolas que foram convidadas para o matinee realizada no Coliseu e onde estiveram 20.000 pequenitos. 3—Grupo de socios do Club Brasileiro de Loriga (Ceia)



### ***A inauguração do monumento ao general Cialdini, em Castelfidardo***

Sr. Eusebio Leão, ministro de Portugal em Roma—General Albrindi—Ministro da guerra—Senador Cruciani—Senador Pramposo—Presidente do Senado—General Mirabelli, representante do Rei Victor Manuel—Lindado de Castelfidardo—Almirante Garelli—Deputado Dari—Deputado Milliani—Deputado Colon—Ho Esperanza de Manzanos, representante de Hespanha—Comendador Belluzzi, representante da Republica de S. Marino—Comendador Apael—Deputado Patrizi—Deputado Gallenza

Por toda a parte se estão comemorando, na pedra e no bronze, os heroes nacionaes, os escritores, os artistas, os grandes homens que ficam assim para a posteridade n'um estimulo e n'um incitamento. A Italia, com a assistencia de representantes de varios paizes e entre eles Portugal, elevou á memoria do bravo ge-

neral Cialdini um monumento em Castelfidardo, que é a nota symbolica dos feitos d'esse militar illustre, cuja vida se passou de espada na mão batendo-se pelas mais nobres causas não só na sua terra mas ainda nas alheias!

Em Portugal o bravo general foi um dos que ajudou D. Pedro IV nas lutas

da liberdade deixando atraz de si fama de denodado e renome de generoso. Em Hespanha foi o defensor da rainha Cristina, na Italia ajudou com o seu esforço na guerra da independencia e foi ele que entrou em Roma á frente do exercito piemontez, destroçando os oito mil soldados do papa.

# UMA GRANDE CANTORA MARY GARDEN



Mary Garden mais uma vez conquista os aplausos do publico de Paris. Na Opéra-Comique canta a «Tosca» e a «Traviata»; na Opera, a «Salomé.» E, n'um e n'outro teatro, os seus triunfos consagram-na como uma das mais extraordinarias figuras das cenas liricas d'este tempo. Dizendonos, sempre d'um modo pessoal e admiravel, as obras das epochas mais diversas, das escolas mais opostas e até—deve notar-se—dos meritos

mais varios, indo do puro realismo verdiano á pacotilha verista de Puccini e, de lá, n'um vôo para a altura, á musica magnifica de Strauss, miss Mary Garden ocupa, entre as cantoras de hoje, um logar onde a competencia não pôde ir perturbá-la. Deixo-a, tossicando entre trinados varios, n'aquele 3.º ato de Dumas filho, que lem feito a gloria de não sei quantos artistas e soldado a la-

1—Mary Garden (Cliché Henri Ma nuel) 2— Mary Garden. 3— Mary Garden na «Sapho» (Cliché Mish kin)



grima a um rôr de gerações; deixo-a às voltas com as malevolas manobras d'esse fero Scarpia que o sr. Puccini reassassinou; mas quedo-me, para admirá-la e para aplaudil-a, n'esse ato tragico de Wilde, a que a musica do maestro germano deu um tão grande realce e, se os admiradores do poeta m'o consentem, o melhor do esplendor e da emoção.

Ei-la, a filha de Herodias, amorosa e cruel, lubrica e sanguinaria! No profeta de pele morena e olhar severo ela apenas vê os braços que a repelem e a boca que se recusa ao ardor dos seus beijos. E a paixão envolve-a em labaredas de luxuria e o seu corpo contorse-se, impudico e atormentado, e os seus braços supplices e as suas mãos crispadas acariciam sem ousar tocar-lhe, esse corpo de asceta, moreno! Ei-la, a Salomé que os pintores de todos os tempos confusamente nos entremostroaram, que Wilde, audaz e amoral, nos revelou, ardente e semimua, nos esplendores orluzentes da sua prosa

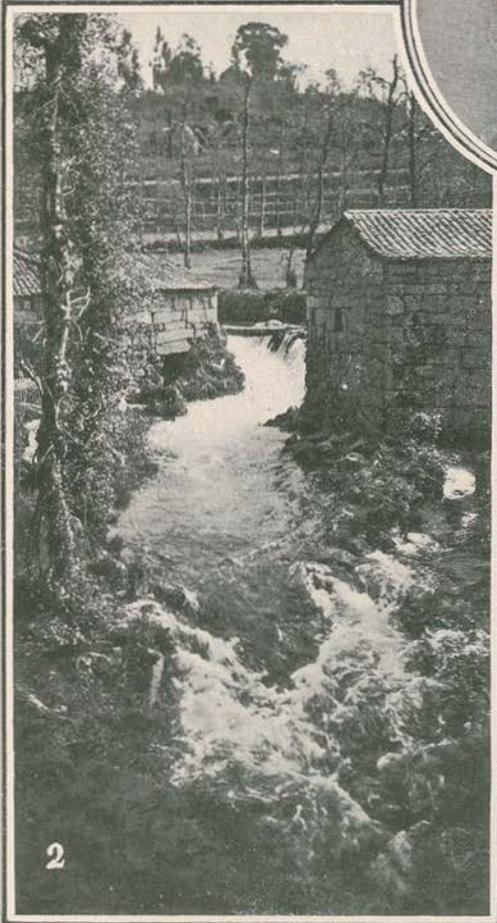
magnifica! Dir-se ia que todo o corpo d'ela, branco, crepita no mesmo delirio erotico; na sua boca exangue estiolam-se a um halito de febre milhões de beijos locos. E, depois, quando, na salva de prata, o carrasco lhe entrega a cabeça de Iokannahan, é todo um sadismo estuante que canta nos seus labios em frases de ternura, que grita, na sua boca de possessa, o drama inteiro d'essa volupia, sorvendo o sabôr do sangue nos labios mortos do profeta que o seu desejo em chama assassinou.

Excelente cantora! Atriz admiravel! Vemol-a rolando no chão, no derradeiro spasma d'uma agonia de luxuria, apertando nos seus braços a cabeça decepada... E a nós proprios perguntamos então se a Salomé, filha de Herodias, teria sido tão bela na crueldade, tão sublime, tão perversa, tão admiravelmente abominavel, n'essa tarde de amor e de morte em que os soldados siriros a suppliciarão por ordem do seu rei.

Paulo Osorio.

1—Garden, na «Carmen» (Cliché Matzen) 2—Gard'n na «Tais» (Cliché Boyer) 3—Garden na «Hamlet» (Cliché Boyer)

# PAIZAGEM DO MINHO



Apoz uma longa viagem de revisão, a toda a provincia minhota — pelas suas bandas de terra e mar — eis-me na paz, no céu, em Santa Eufemia de Prazins, sob ramadas e n'uma aldeia em que as montanhas, vigiando ao longe, fecham n'um grande cinto de pinheiras e giestas floridas a bacia dos campos, admiravel. Nenhum mais doce logar podia escolher-se que este paraizo, em cuja área enorme apenas seis fogos rusticos, quasi que agasalhados sob as oliveiras do grande passal da abadia, mostram nos colmos sujos, pela manhã, os estrelados orvalhos, e á tardinha os fumos religiosos da silenciosa ceia camponeza. Aqui, quando não ha ruidos nas encostas, onde por vezes os védóres ordenam que se rebentem grandes blocos torridos, pedos, para as minas, apenas as fontes dão, entre os ramos, um ruido lento e eolio, com o qual os olhos docemente se cerram e o coração deixa de errar...

Todavia, eu sei que isto que vejo não é, positivamente, um ermo, nem esta casa um monasterio envolvendo-se, com esculpulos, no longo e espesso habito verde dos ramos. Se o quizesse, podia escutar, com um kilometro ajustado de caminho, o clamor sensacional de um longo rio, despenhando-se sobre as fraguas teimosas e depois estendendo a verdejante cauda de todas as suas aguas, a caminho do mar. Podia, subindo ao alto de uma alta montanha, aqui fronteira, e descendo-a prestes, encontrar a 'cidadesinha' clara de umas térmas de estio, onde os cafés regorgitam e chamam, apressadas, as campainhas alegres dos hotéis. Mas não. Antes a paz. Por aqui, sem lér jornaes, apenas com Cervantes por compa-

1—Minhota. 2—Aguas alegres.

ramos. Se o quizesse, podia escutar, com um kilometro ajustado de caminho, o clamor sensacional de um longo rio, despenhando-se sobre as fraguas teimosas e depois estendendo a verdejante cauda de todas as suas aguas, a caminho do mar. Podia, subindo ao alto de uma alta montanha, aqui fronteira, e descendo-a prestes, encontrar a 'cidadesinha' clara de umas térmas de estio, onde os cafés regorgitam e chamam, apressadas, as campainhas alegres dos hotéis. Mas não. Antes a paz. Por aqui, sem lér jornaes, apenas com Cervantes por compa-



dor passa, abre e cerra imediatamente as cancelas, salva aos que por ele cruzam, compra os cigarros fortes na venda e lança os olhos curiosos ás novidades que vae distinguindo, com alegria, nas terras dos seus visinhos.

Por toda a aldeia, enfim, o descerrar do dia tem uma expres-



nheiro, tem o nos dado bem n'esta varanda garrida, longamente entoldada pelas parreiras de ouro, eu, D. Quixote, o Sancho, a Tereza, o cura Paio Perez e o barbeiro Nicolau.

Caminhar longamente nos campos, encharcando as botas nas areias asperas dos regatos, não é ver o campo, senti-lo bem, — gosal-o, enfim.

Mas é belo ver partir, antes que rompa o sol, um cavador esforçado e util, com plena consciencia das suas obrigações, a caminho das suas cavas! Por todos os atalhos e estradas, mas sobretudo pelos caminhos de gado, rapados atravez os soutos de todas as propriedades, o cava-



ladas. Nos atalhos ou, na maioria dos casos, sobre o pontilhão dos rios, onde o oratório das alminhas espera a caridade dos caminheiros, seguindo ao lado do macho carregado com os taboigos, o molero bate a chibata de oliveira na calça de cotim, para se insinuar ao animal.

Com a saca de chita, de opa, e descobrindo a cabeça, o sacristão da parouquia faz simultaneamente os peditórios de Santa Luzia, advogada da vista; de S. Sebastião, que cura as febres e as bexigas; da irmandade das Almas, que paga a missa da madrugada do domingo, e faz os avisos das congruas e mais dizimos á igreja.

Nas lojas das



3—Manhã de agosto.  
1, 2, 4 e 5—Mulheres do Minho.

são comovedora de festa. A' porta velha dos casebres lançam-se ás mãos largas aservas e os farelos á criação; e galos, galinhas, frangos, doirados pintos contentes correm apressados para o montão das couves enfare-



te e de eiras, lá  
adeante, á es-  
tra- da, bate a can-  
la do tear a pra-  
ga do seu ruído,  
e velhas com os  
netos no braço  
dobam algodão  
escarlate para as  
fabricas, cantan-  
do e manejando  
o punho de ferro do ro-  
dão.

Leiteiras e creadas do  
campo, com os restos da  
verdura, regressam do  
seu negocio na cidade.

As rolas choram e beijam e arrulham  
nas suas gaiolas de cana.

E eis o sol! Flechas ousadas de um  
oiro puro e ardente, cobrindo com glori-  
a a frescura azulada das nuvens, dia-  
demam de fulgôr e mocidade e entu-  
siasmo, apolineas, a estrela maior de  
quantas se conhecem.

E' um canto enorme, na terra! Lus-  
trando-se, depois das humidades da  
madrugada, as arvores respiram forte,  
anceiam-se apaixonadamente, agitam-  
se, felizes, como uma 'humanidade'  
muito sua e intensa. Sobre os cobertos  
vermelhos, dos alpendres, nas eiras, e  
sobre as redondas mēdas amareladas,  
o sol atinge então, descobrindo-as, as



1



1—Tardinha.  
2—A caminho da sacha.

côres alegres que são  
uma graça da sua  
graça. No campanario  
da aldeia, que trepa  
meia colina e que de  
toda a parte é visto,  
o galo de folha, ao  
vento, indica os tem-  
pos secos para a mon-  
da, ao mangual, dos  
feijões espalhados nas  
lages das eiras. E em  
seguida, trepando,  
cerram-se os souts



sombrios, onde as ovelhas trespassam, tresmalhadas, e o azinho roxo espiga em moitas, entre os matos doirados e sob a fresca sombra das carvalheiras; e trepando sempre, erguem-se os pinheiros, atingindo, em redor da aldeia e sob o sol ardente, as cumieiras de uma firmeza eterna e ultima.

A essa luz de vitoria, sem tristeza na solidão — no imenso silencio que me rodeia, me cerco agora das pequeninas coisas que eu amo: os cravos, o canto da agua na fonte, os bezouros mordendo e furtando o assucar dos cachos, uma azenha gemendo e um imenso e consoladôr perfume de frutas invadido e encantando a casa.

Bem dita, pois, tu—ô paizagem alegre que me rodeias.

Bem dito tambem o teu silencio e frescura—ô casa amiga com quem compartilho as infinitas subtilezas do silencio, de coração confiado.

Minho, 1912.

A. G.



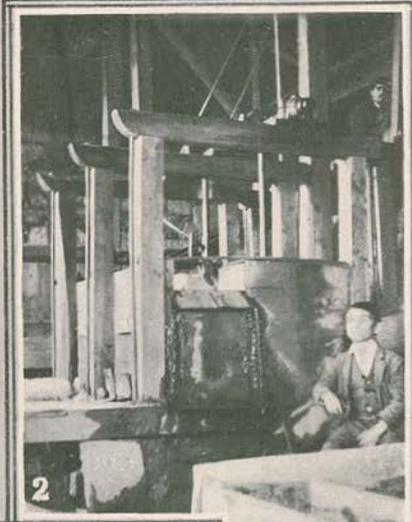
1—Nascer do sol. 2—Rua da aldeia. 3—A casa dos avós. (Clichés de Granchôa.)

# RIQUEZAS DE PORTUGAL—Minas de Wolfram



1—Uma galeria de muitos metros abaixo da superfície do solo.

Uma mina de Wolfram, abundante e que as fabricas inglezas compram a um conto de réis por tonelada, está em exploração no distrito de Vizeu, a oito ou nove kilometros da estrada que liga a cidade a Vouzela,



2—A fabrica de purificação que é movida a vapor

n'uns terrenos de Cuito de Curia e Vil de Souto. São dignas de louvor estas iniciativas que valorisam o solo portuguez bastante rico e no qual se deviam empregar os capitães que tanto se retraem.



3



5

3—Um local onde o flão é abundante. 4—Local e casa onde se faz a purificação do metal. 5—Tres galerias com algumas dezenas de metros de comprimento

# O FOOT-BALL NO PORTO



1—Uma fase interessante.

2—O «team» do Boavista Foot-ball Club.

—O «team» do Foot-ball Club do Porto.

(Clichês do sr. Alvaro Martins).



2—Um lindo «goal» marcado pelo Boavista.



O Boavista Foot-ball Club do Porto bateu-se com o Sporting Club portuense, tendo o jogo fizes muito interessantes e ficando vencedor o Foot-ball Club por tres goals contra um.

Constituiu uma apreciavel sessão desportiva esse desafio dos dois clubs da capital do norte.

